

MEMÓRIA E HISTÓRIA ORAL EM COMUNIDADES TRADICIONAIS

Adzamara Rejane Palha Amaralⁱ; Geilvannette Alves Barreto Rodriguesⁱⁱ; Carlos Alberto Batista Santosⁱⁱⁱ; Ernani Machado de Freitas Lins Neto^{iv}

(1) Mestranda do programa de Pós Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental, Universidade do Estado da Bahia. adzamarajua@gmail.com; (2) Mestranda do programa de Pós Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental, Universidade do Estado da Bahia. geilbarreto@hotmail.com (3) Dr. em Etnobiologia e Conservação da Natureza. Universidade do Estado da Bahia, Docente PPGEcoH/UNEB, cacobatista@yahoo.com.br (4) Dr. em Biotecnologia. Universidade Federal do Vale do São Francisco, Docente PPGEcoH/UNEB, ernani.linsneto@univasf.edu.br

Resumo

O presente artigo tem como propósito discutir as técnicas da História Oral utilizadas nas pesquisas com comunidades tradicionais, contemplando Revisão Bibliográfica, Entrevista Semiestruturada, Turnê Guiada e Diagnóstico Rápido Participativo (DRP), como alternativas que visam fortalecer o processo narrativo presente na história local contribuindo com a formação da identidade cultural de uma sociedade.

Palavras-chave: Povos Tradicionais, Ecologia Humana, Estudo, Cultura e Identidade.

Introdução

Este trabalho tem como propósito de pelo viés da Ecologia Humana, realizar um levantamento de dados secundários sobre memória e história oral como fontes de informações para narrar e registrar fatos e manifestações culturais, fortalecendo, assim, o processo narrativo nos aspectos da história local e a formação da identidade cultural, oportunizando às futuras gerações conhecerem um pouco dos saberes e da história de seus ancestrais.

As abordagens que utilizam das memórias e da história oral de povos de comunidades tradicionais tornam-se, por vezes tanto complexas como inacessíveis, uma vez que poucos são as publicações sobre o tema. Daí a grande necessidade de se utilizar técnicas a exemplo as entrevista semiestruturada como metodologia que contempla a preservação da cultura oral.

Esse estudo trabalha com a memória e a história oral, que buscam registrar fatos, acontecimentos e saberes de comunidades tradicionais, que tiveram alguns períodos de sua história esquecidos por falta de registro ou devido ao falecimento de seus integrantes mais velhos, na busca de resgatar a relação harmônica que se rompeu no passado (MIRA, AMÂNCIO; ANDRADE, 1999).

1 A Memória como Espaço de Reconstrução do Passado

Nas comunidades tradicionais pode-se observar que há uma infinidade de elementos culturais, saberes, rituais, manifestações e um patrimônio material e imaterial muito

(83) 3322.3222

contato@conadis.com.br

www.conadis.com.br

diversificado que ainda não foram catalogados ou registrados de forma escrita, bem como ainda são desconhecidos pela literatura científica (OLIVEIRA, 2002, p.09).

No campo da Ecologia humana, são vários os teóricos que consideram os saberes tradicionais das comunidades como sistema de interação e convivência com os recursos naturais, Bernis (2003) entende a realidade humana como resultado da coevolução de sistemas culturais, socioeconômicos e biológicos, afirma, ainda, que esses sistemas são desenvolvidos, em seu meio por cada população (BERNIS, 2003).

Para Mira, Amâncio e Andrade (1999), a Ecologia Humana busca resgatar a relação harmônica que se rompeu no passado. Para este trabalho, considera-se essa relação de suma importância, uma vez que atualmente, é vista como fundamental para a reestruturação socioambiental (SOUZA; PISONI; COSTABEBER, 2007).

Nestas comunidades percebe-se a interação dos elementos da natureza com os seres humanos que vivem neste espaço geográfico, o que exige uma lembrança (memória) dos saberes e conhecimentos ancestrais para se manterem naquele local,(SANTOS,2006).

Como afirma Le Goff (2003), o conceito de memória é de fundamental importância nas ciências humanas uma vez que a memória coletiva é uma forma eficaz de conservar ou atualizar informações do passado.

Desta maneira os textos que trabalham com memória são narrativos e contam sobre lugares, comunidades ou etapas da vida de uma pessoa ou episódios do qual ela participou. Geralmente são lembranças de uma época já distante. Estes textos se diferenciam da biografia por não ter o compromisso de narrar uma vida inteira, (BOSI, 2004).

Segundo Bosi (2003), a memória é um instrumento precioso se desejamos construir a crônica do cotidiano, mas ela sempre corre o risco de cair numa ideologia do cotidiano como se esta fosse o avesso oculto da história, visto que as fontes bibliográficas ou testemunhais orais são fundamentais para reconstruir um passado que está vivo só na mente de algumas pessoas é por meio da memória que poderá se registrar períodos e fatos marcantes de lugares ou de pessoas dentre outros assuntos que ainda não foram escritos.

A memória coletiva é uma forma de registro, com o objetivo de resgatar alguns episódios marcantes da história de um povo, que por algum motivo não puderam registrar sua história de forma escrita, a memória é capaz de resgatar estes episódios marcantes a respeito do objeto estudado e registrá-los, (HALBWACHS, 2006).

Para Montenegro (1994) a memória trabalha com aquilo que foi vivido, com o que ainda está presente no grupo, enquanto que a história trabalha e constrói uma representação de fatos distantes das lembranças e das vivências que estão voltadas em laços afetivos.

2 Metodologia

Neste trabalho sobre memória e história oral em comunidades tradicionais foram selecionados artigos científicos em sites leituras de artigos e livros publicados no campo da Ecologia Humana, inclusive artigos publicados em periódicos, além de bases de dados relevantes ao âmbito científico-acadêmico, como *Scielo*, por exemplo. Para a procura nas *databases* foram utilizados os descritores: “memória e história oral”, “memória e comunidades tradicionais”, “memória e transmissão de cultura” e “saberes tradicionais e identidade cultural”, que narram a cultura material e imaterial, relacionadas a processos orais os quais ocorrem entre atores de um território, permitindo que eles se encontrem para o estabelecimento de diálogos capazes de promover uma construção coletiva de visões, objetivos e projetos comuns, tendo em vista agirem e/ou decidirem em conjunto.

Na base de dados da *Scielo* foram encontradas dez correspondências para o primeiro descritor e uma para o segundo, totalizando onze artigos científicos. Já na *Lilacs* foram encontradas 149 correspondências para o primeiro descritor e quatro para o segundo.

3 A História Oral como Fundamento Teórico

A sociedade está num processo de constante transformação e na busca de uma visão holística que ultrapasse o imediatismo que têm sido responsável pelo desaparecimento de grupos de convívio e de memórias importantes à formação identitária de uma região. Alguns profissionais de áreas interdisciplinares que trabalham com a memória vêm recorrendo aos caminhos da história oral para preservar testemunhos capazes de fornecer um sentido às experiências individuais e coletivas vivenciadas no passado destas comunidades (CLARK, 2009).

A história oral foi criada como uma técnica de documentação histórica em 1948, através da gravação da memória realizada pelo historiador Allan Nevins da Columbia University (EUA) (THOMPSON, 2002, p. 89). Esta metodologia surgiu como forma de valorização das memórias e recordações de indivíduos, sendo recolhidas informações por meio de entrevistas às pessoas que vivenciaram algum fato ocorrido em determinados períodos. Esta busca lembranças do passado a fim de reconstituí-lo, (BOSI,2004).

Como ressalta Le Goff (2003), a técnica da História Oral consiste na realização de depoimentos orais, por meio de entrevista que se utilizam de um gravador, levando-se em consideração as estratégias e questões práticas e éticas relacionadas ao uso desse método.

Quando o pesquisador recorre à História Oral, ele está buscando formas de entendê-la não só como relato, mas como um objeto de pesquisa que vai além de relatos de fatos, mas como forma de chegar a conhecimentos de fatos vivenciados, (THOMPSON, 2002).

A História Oral pode gerar na pesquisa certa mudança de enfoque, assim como a abertura de novas áreas a serem investigadas ou pesquisadas, uma vez que a fonte oral será uma importante ferramenta para registrar os saberes, culturas, rituais e outros aspectos da história das comunidades tradicionais sertanejas ainda não foram registradas (OLIVEIRA,2002).

Como o fundamento do trabalho com História Oral são os relatos orais, é preciso compreender a natureza do depoimento oral. Voldman (1996), que diz que a testemunha oral não é somente utilizada como fonte, do ponto de vista de sua construção como historiador. O informante age como fonte, neste momento a preocupação é reconstruir o fato histórico mediante ao que uma pessoa testemunhou de maneira prática sobre o material coletado, seja por meio da gravação com fita de vídeo, áudio ou outro recurso utilizado na coleta dos dados quando se está pesquisando.

Quando a testemunha é tratada como fonte, a preocupação é reconstruir o fato histórico mediante o que uma pessoa testemunhou de maneira prática sobre o material coletado, seja por meio da gravação com fita de vídeo, áudio ou outro recurso utilizado na coleta dos dados quando se está pesquisando. O método de realização destas entrevistas norteia a relação testemunha-entrevistador na coleta de dados para reconstituir fatos que não foram escritos, (RICOEUR, 2007).

Para Bosi (2003), quando as vozes das testemunhas se dispersam ou se apagam o pesquisador fica sem guia para percorrer os caminhos, da história recente. Desta maneira, este método de realização das entrevistas baseia-se em determinados princípios que norteiam a relação testemunha-entrevistador na coleta de dados com as fontes orais, para reconstituir fatos que não foram escritos e sem registros é preciso buscar fontes orais para escrever esta história (MEIHY, 2005).

Segundo Le Goff (2003), toda fonte histórica deriva da percepção humana que é subjetiva, mas apenas a fonte oral permite-nos desafiar essa subjetividade, descolando as camadas de memória, cavando fundo em suas sombras, na expectativa de atingir a verdade

oculta. Por isso a História Oral é carregada de significações que as narrativas foram adquirindo ao longo da existência do depoente.

Percebe-se que a memória e a História Oral são tidas como instrumentos de reconstituição de aspectos do cotidiano de pessoas comuns, lugares e fontes anônimas, ilustres ou esquecidos em seu próprio grupo, podem ser considerados como guardiões de muitas memórias com um potencial extraordinário de rememoração (BOSI, 2003), uma vez que permite que a narrativa fique o mais próximo possível da fala cotidiana do colaborador (entrevistado), mesmo porque os usos da linguagem oral são importantes para uma análise histórica e linguística do discurso usado pelo depoente, (THOMPSON, 2002, p.258).

A subjetividade passa, então, a ser uma riqueza vinda da oralidade transcrita para a textualidade do documento, pois a partir dela é possível perceber e analisar vários componentes da narrativa e até mesmo da narração. Esta subjetividade pode ser identificada nas reações e emoções das fontes durante as entrevistas como o choro, as pausas, o silêncio e o sorriso. A História Oral é construída em torno das pessoas e traz a história para dentro da comunidade tornando-se um documento vivo.

Considerações Finais

Este artigo trouxe um conjunto de reflexões teóricas de alguns autores que darão suporte as discussões na construção da dissertação. Visto que envolve memória, História Oral e como estas ideias podem ser desenvolvidas no trabalho de campo desta pesquisa.

A revisão da literatura é uma ferramenta importante para a elaboração de trabalhos científicos, pois é trabalhado o tema de acordo com estudos a cerca da memória como capacidade de lembrar o passado. Neste trabalho como pesquisador deve-se observar a contribuição dos estudos que trazem reflexões sobre as relações entre pesquisadores e sujeitos pesquisados e entre fontes e entrevistadores a fim de discutir os resultados obtidos na pesquisa.

Visto que a memória está relacionada ao ato de recordar a exemplo de lembrar-se da letra de uma música, andar de bicicleta, lembranças da infância dentre outras que são considerados como memória emotiva ou social, a fim de compor um passado e reconstituir uma história.

Diante disto percebe-se que preservação da memória local depende das narrativas dos mais idosos, com a apreensão de possibilidades que o presente possa apagar o passado histórico, salienta-se a necessária consciência de se fazer o registro da memória local, em

virtude até mesmo das idades avançadas das testemunhas orais que a qualquer momento pode vir a falecer e daí convém entrevistá-las o mais breve possível para não perder estas memórias significativas do passado deste município. Por isso a memória não deve ser vista apenas como uma extensão da história, onde sobre essa última pese o assassinato da primeira, mas sim como um viés para o enriquecimento mútuo das representações sociais que se configuram nesse convívio.

A História Oral possibilita a construção ou a reconstrução da história por meio de entrevistas que trazem relatos individuais ou coletivos do passado e poder transformar estes conhecimentos em um produto científico que é a dissertação desenvolvida mediante a pesquisa, investigação e a reconstituição de fatos é poder praticar os conteúdos que foram estudados.

Agradecimentos

A pesquisadora Adzamara Rejane Palha Amaral agradece à CAPES pela concessão da bolsa de estudo para desenvolver estudos de pesquisa no Programa de Pós-graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental–(PPGEcoH) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

Referências

- ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. São Paulo. Editora, Atlas S/A, 1999.
- BERNIS, C. **Ecologia Humana. Antropología Biología Versión Española para comprender la antropología biológica. Evolucion y biología humana**: Ed. Verbo Divino, p.643-654,2009.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- BOSI, E. **O Tempo Vivo da Memória- ensaios da psicologia social**. São Paulo: Ed., Ateliê, 2003.
- CLARK, Mary Marshall. **Vídeo-testemunhos sobre o holocausto, história oral e medicina narrativa: a luta contra a indiferença. Oralidades**: Revista de História Oral, São Paulo, n. 6, p. 150-166, jan./jun. 2009.
- COSTABEBER, J. A.; MOYANO, E. **Transição agroecológica e ação social coletiva. Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, v.1, n.4, p.50-60, out./dez. 2000.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

LE GOFF, J. **História e Memória**. 5ª ed. Campinas, Unicamp, São Paulo: 2003.

MEIHY, J. C. Mas o que é mesmo história Oral? **Núcleo de estudos em História Oral**. Noho-Usp, 2005. Disponível no site www.historiagora.com/.../historia.../178-historia-oral-testemunhal-memoria-oral-e-memoria-escrita-e-outros-assuntos-entrevista-com. Capturado no dia 22/04/2018

MONTENEGRO, A. T. **História Oral e Memória: A Cultura Popular Revisitada**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2007 (Coleção Caminhos da História).

OLIVEIRA, A. M. C. dos S. **Recôncavo Sul: Terra Homens, Economia e Poder no Século XIX**. Salvador/ BA: UNEB, 2002.

RICOEUR, P. **Memória, história e esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007.

SANTOS, V.; CANDELORO, R. **Trabalhos acadêmicos: uma orientação para a pesquisa e normas técnicas**. Porto Alegre: AGE, 2006

THOMPSON, P. **A voz do passado: história oral**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro – RJ: Paz e Terra, 3ª Edição, 2002.
